

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 6 de abril de 1902

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 420; Provincias, 600

## Expediente

Já prompta a «Lagrima» no prélo, só esperava pela photogravura que a devia illustrar, promettida para o correio da noite de hontem.

Onviu-se o rodar do carro, que conduz do caminho de ferro á estação telegraphio-postal a correspondencia, do ultimo comboio ascendente, esperou-se que esta fosse apartada e... foi-nos, afinal, transmittida a noticia de que não tinha vindo encomenda alguma destinada á nossa redacção.

Não calmos das nuvens, mas em pensar que seria erro deixar de trazer á publicidade o presente numero, no dia de hoje, pela opportunidade das piadas que o enchem.

O nosso amigo Arthur Esmeriz passou, com mais vantagem pratica, das musas para o prosaismo utilitario de sub-inspector do sello.

N'esta qualidade apparecendo-lhe uma mulher a offerecer-lhe lenços hespanhoes — contrabando—prendeu-a n'uma das dependencias da casa que habita (e onde se effectou a offerta) á Avenida da Estação, e saiu a procurar um subordinado, para ambos cumprirem a lei.

Porém enquanto Esmeriz, sob um sol meningiteiro, divagava á cata do sobredito gal-farro, a mulher escoava-se muito á vontade por uma seccada do predio, a procurar a liberdade por que almejava, com o contrabando entre as pernas escontillo e mais—segundo nos informam—com o revolver do captor.

Pela força dos circumstancias a mulher teve entrada de sendeira—mas uma magistral saída de leão.

O revolver é que hade ter feito revolvêr a cabeça ao nosso Esmeriz...

O nosso muito dilecto amigo Joaquim Martins prestou-se da melhor vontade a ceder o seu valiosissimo nome para reforçar os pedidos que a commissão promotora da kermesse dos Bombeiros fez a varias pessoas, afim de angariar prendas.

Um cartão do Joaquim acompanhou, pois, uma carta destinada a um cavalheiro de St.º Thyrso onde o Joaquim dirigiu a construcção do convento de S. Bento, ahí pelos annos de 1410 ou 1421.

Veio a prenda por intermedio do Martins e este offereceu-a como coisa sua, da sua *lavra*: era a sua prenda, o que lhe acarretou uma enxurrada de agradecimentos.

Horas depois da offerta feita pelo Joaquim, veio um bilhete postal de Santo Thyrso dizendo da proveniencia da prenda, dirigido á Associação, e o Joaquim Cagaio catu com um fanico.

Veio a si logo que lhe chegaram um boião de mostarda á penca.

Este boião era o Arnaldo Azevedo!

### Que penal

Somos informados, com grande magua nossa, que se acabam de foudir n'uma só as duas bandas de musica da localidade.

Sentimos a valer que, assim, a «Lagrima» perca uma das suas melhores fontes de receita de pilheria.

Acabaram, pois, os dous grupos partidarios de bandas!

La va e intriga do Marcos! Desappareceu a pilheria do 3o réis! Foi se o entusiasmo do Trompa! O Bicha já não apanha dous quintaes de pó atraz da que era sómente sua bombeira!

## LAGRIMA

Acabou de vez, de gaguejar, o avô Paes de Faria!

Adeus murros, bengaladas, cacetadas, caibradas, mócadadas, muletadas, bananas, sóccos, pontapés, puchões d'orelha, estampilhas, abanões, cóças,—tudo!

Perdeu Barcellos uma das suas feições mais alegres, mais retumbantes.

A loja do Caganito, o grande centro dos musicos, perdeu o seu bulício estonteante, festivo, para se converter afinal n'uma segunda edição do estabelecimento manso do Bazilio.

Vai ser chamado a Lisboa pelo Burnay o nosso illustrado e prestimoso amigo Joaquim Martins, pelas provas praticas de economia que deu na realisação da solemnidade da Semana Santa, no Terço.

Accetámos uma amostra da despeza que o Joaquim Martins fez com um jantar dado ás pessoas que trabalharam n'aquella egreja, cujos nomes são:

Francisco Maia  
Servo Daniel  
Manoel Cancellia  
Anna Sapateira

Torquato dos Santos (incluindo o proprio Martins).

Eis a despeza:

Arroz . . . . .	50 rs.
Bacalhau . . . . .	20 »
Cebola . . . . .	5 »
Azeite . . . . .	15 »
Unto . . . . .	10 »
Total . . . . .	100 »

A cada focinho tocou meio quarteirão d'agua d'unto; arroz... um *pingo*.

E tudo o mais assim.

A lenha foi tirada do corpo d'um anjo velho que havia na sachristia. A agua foi benta, para não haver indigestão...

Viva o Cagayo!

### Rectificação

Cumprindo um augusto dever de imprensa, rapidos como um relampago, aqui nos apresentamos a dizer que a raptada por «Lipute», que mencionamos em nesso ultimo numero, não se chama Dulcinea, mas sim Joaquina.

Isto vem a lume, porque o raptor maguadisimo por lhe terem chrisnado a sua ella, e temendo que os leitores da «Lagrimeira» não soubessem que a dita se chamava Joaquina, se apressou em procurar-nos explicando-nos o já referido.

Em face d'este tragico acontecimento é de esperar que os paes dos *canarios* consintam no tão desejado enlace.

O cavalheiro que ha tempos foi apertado com um guarda-chuva pelo pac da sua querida Beatriz (sem ser a do felizão do Dante), pedenos com insistencia que não relateemos o facto n'este jornal, e, ainda muito menos, fazermos referencias a umas ceroulas que em lastimoso estado escaparam do conflicto.

Fique certo que nada dizemos, porque somos incapazes d'isso, e que se o nosso amigo o não disser, nunca na vida se saberá.

E saiba isto.

Temos o maximo prazer de annunciar ao respeitavel publico que—depois de Ayres de Gouveia, Antonio Candido, Alves Matheus, Alves Mendes, e outros—nenhum orador ultrapassou, ainda, em Barcellos o rev.º prior de V. do Conde, que, no Senhor da Cruz, em o sermão da «Soledade», convenceu toda a gente das seguintes verdades, saídas de seus purissimos labios: «Mario era um homem; Maria, uma mulher; ao filho que perde a mãe, chama-se-lhe orphão; ao marido que perde a mulher—viuvo; á mulher que perde o marido—viuva.»

\*

Vê-se que os priores estão sem sorte. O da Povoá, anda á mócada com todos os seus subditos; o nosso, é o que se sabe; de Villa do Conde não só anda á lenha com os freguezes, como tambem vem aqui indispor-se com os barellenses.

### Chronica d'Espozende

Passou a semana santa; comeram-se muitas amendoas de casca e sem casca, muitos rebuçados roxos—da cor da tunica do Senhor dos Passos de Fão, que por signal é muito porco porque não lava a sua divina cara ha mais d'um seculo,—ouviram-se muitos sermões, muito cantochão, e derramaram-se tambem muitas tochas, por dentro e por fóra da igreja, cujos grossos e viscosos pingos besuntaram a roupa... e as mãos de muita donzella,—como disse o J. d'Abreu na cançonata «Sachristão».

Uff! que até já estávamos fartos de comer amendoas e de ver toda a gente vestida de negro. Era um nunca acabar: tudo fardado.

O cão do Freitas andava... á paizana, o Pinto trazia trez divisas no braço e uma *boróla* vermelha no *Kept*, o J. d'Abreu andava de *kilolitro*, o Chasqueiro trazia uma orelha muito grande etc.

No sabbado santo—isso é que foi!—o Missas fugiu de bicyclotta com medo de ser enforcado e o Amadeu escondeu-se na Alfandega até a *gloria in excelsis* e só appareceu depois que tocaram os sinos. E logo o Chasqueiro: *Domínos vobiscum!* e o Missas, que sabe ajudar ás missas do tio, respondeu: *et cum spiritu tuo*.

Vieio depois o domingo—o que vocês já sa-

## LAGRIMA

biam, porque depois do sabbado vem sempre o domingo,—e foi uma enchente de verdasco, pão de ló e *muchas cosas más*.

O sr. E. Villas-Boas, no mesmo domingo de Paschoa, comprou trez charutos de vintem, e á noite... fallou francez, na loja do Ferreira. Mal viu um desgraçado paciente, perguntou-lhe logo: *comment ça vá-t-il?* E o Jayne, que anda no Porto a aprender, respondeu-lhe assim: *peut etre que je t'ecrive*. E tudo se riu, mas só o Ferreira é que percebeu.

E enquanto isto se passava, lá fóra, passeando na praça, conversávam trez *gabiruz*: o Oliveira, o Fino e o Mingôta. Contavam-se procasas d'amor, e ouviu-se então: Que o bacharel Domingos, em certo dia de palhaços, fora com uma *rola* até ao Flaico, e, uma vez lá, assentaram-se os dois *passaros*, porque estavam cansados e... tanto e tanto... que ficaram no sitio, sem se poderem levantar. Uma hora depois, o Fino procurava-os, por entre o matto, porque elles... não appareciam. Ao fim de muito andar, bater, farejar, como um perdigueiro, lá os foi achar, enfim.

... Muito juntinhos, estavam a dormir.

Que grandes melros...

Mas, p'ra uns filhos tão dorminhocos, não vale a pena a um pao trabalhar de noite... e de dia.

Quem sabe bem d'isto é o Narciso, o celebre homem do *vintem*. Desde que em certa occasião, de noite, lhe aconteceu uma boa *partida*, a mais extraordinaria da sua vida, nunca mais quiz nada com as trevas enganósas. Já não toma nada se não de dia.

N'uma noite—e linda noite por signal!—estive no correio, durante algum tempo, uma bella rapariga rechonchuda e guapa, ali dos lados do norte, á espera d'um telegramma. Pelo visto, a mulher estava ferida e, quando sahio, deixou no soalho uma manchasinha cardinal de certo liquido coagulado que lhe cahira.

Pouco depois o Narciso reparava n'aquelle signal escuro e dizia aos camaradas:—olha, o diabo, sahio com tanta pressa, que até largou um vintem. E foi apanhal-o...

*Gil Braz.*

### Quem seria?

Um dandy, um rapaz chic, conquistador, não lhe faltando, até, a bella qualidade de guitarrista eximio, foi convidado para jantar em casa de um cavalheiro—ahi muito notavel pelas pescarias e, mais, pelos carapetões inoffensivos e pittorescos «de trutas com pintas do tamanho do fundo d'um arieiro», apanhadas no rio Neiva—.

Não faltou ao jantar a abundancia de alimentos bem temperados e não esqueceu, tambem, o vinho embotijado, muito espumoso.

\*

Pois querem saber o que fez o dandy? N'um abrir e fechar d'olhos, na ausencia dos donos da casa, rachou um trigo a meio com uma facada e metheu-lhe dentro uma grande, uma enorme, importantissima talhada de fevera de toucinbo.

E... depois bolso com tal *presigo*,  
Quem seria o do *sarilho*...

Com capóte á militar,  
Foi o Braga ver a amiga,  
Mas correram-n'ó, coitado,  
Se elle quizer que o diga...

Pois o Braga, com vergonha,  
Como homem de prudencia,  
Ia bem encapotado  
Ver a sua Clemencia...

Ora o Braga, ao ler isto,  
Até fica atrapalhado  
Mas dando um sócco, nos figos  
Fica logo socegado...

O restaurante do Villas—que actualmente está sendo o preferido pelos nossos melhores poetas e prosadores—tinha ha dias abancado em gabinete reservado: a Edwiges (mãe) e a Edwiges (filha).

O Marcos ao deparar-se-lhe tal grupo, exclamou: 9:000 réis! Aqui!

Explicuemos—

Edwiges (mãe) . . . . .	Libra
Edwiges (filha) . . . . .	Libra

Total Réis 9:000

Estas Libras não dão agio, dão cheiro á sardinha.

## Ultima hora!!!

Os despeitados das duas bandas de musica que ficam excluidos da fusão, vão, capitaneados pelo Marcos, organizar uma segunda edição da celebre «Água d'unto».

Esta nova musica vae ter o titulo de philarmónica do Asylo dos Entrevados de Barcellos.

N'este sentido vão officiar ao sr. provedor da Santa Casa.

Sendo attendidos, vão requisitar as competentes muletas.

## LAGRIMA

Continuamos a defender o Prior (Dom) muito por nossa livre vontade.

Uma das coisas porque s. rev.<sup>ma</sup> é atacado pelos barcellenses é a de fruir tantos, tão lindos rendimentos, sem empate de capital algum, e até mesmo sem arriscar muito a saúde—porque sabe muito bem dizer que está doente quando os seus freguezes lhe solicitam sacramentos ou outros serviços inherentes ao parochio.

Na primeira hypothese a defeza de s. rev.<sup>ma</sup> é facil de fazer dizendo-se que elle *ten direito* á pancadaria de centos de mil réis que percebe, —e quanto á segunda hypothese achamos o mais natural possivel que s. rev.<sup>ma</sup> não saia de casa quando o estado de saúde assim lh'o exija, ainda nos casos de *extrema-urgencia*, que é quasi o mesmo que dizer: de extrema necessidade.

Podemos informar o publico de que s. rev.<sup>ma</sup> padece da bexiga, e d'isto ninguem se póle rir —nem mesmo a grande quantidade de seus inimigos—. Nas terriveis crises d'essa doença o sr. Prior (Dom) não póde dar uma pégada. Como póde, pois, desempenhar os encargos da sua missão?

Não que elle arriscava a bexiga. E depois, se acaso rompesse a bexiga, como havia de levar a vida?

Uma das razões,—mais—que fazem distanciar o respeito e sympatia dos barcellenses pelo seu parochio é o feito economico de s. rev.<sup>ma</sup> levado á quint'essencia, ao apuro, pois que sendo os rendimentos da Collegiada destinados *a elle* elle *um* absorve-os todos. E, ora os destina á compra de propriedades em Monsão, ora os aferrolha com carinho, com amor.

A defeza do nosso parochio é, então, aqui espantosamente facil. Em primeiro o logar isto prova que o Prior (Dom) não é desperdiçador como os ministros politicos.

«Aqui d'el-rei, que desvia assim o dinheiro do seu destino, não cumprindo aquilo a que na Collegiada é obrigado.»

Gustando-o talvez em solemnidades. . .

Ora digam-nos que proveito tiramos nós das solemnidades onde seis ou menos reverendos entôam latin e onde outro incensa?

Uma das cousas, mesmo, que devia levar o nosso parochio a dar de mão a essas solemnidades, nomeadamente as da Semana Santa,—que tanto estão ahí na téla da discussão,—, fiquem-n'ó sabendo, foi o escandaloso namôro que alguns dandys e algumas meninas iam fazer para o templo de Deus.

Pouca vergonha. Maçonicos!

Demais vejam to los os patifes, to los os tratantes, que estão contra o nosso parochio—embora nós estejemos só com seis pessoas que

possam gostar de s. rev.<sup>ma</sup>—fiquem sabendo todos que o sr. Prior (Dom) não leva o dinheiro que tem, para a cova.

Elle fica cá to lo—que o s. rev.<sup>ma</sup> não é usurario.

Continuaremos.

Um sachristão d'uma freguezia portugueza, á falta de melhor cavallariça, prendeu na parte terrea da torre da igreja parochial, um animal de certo parochiano.

Botou-lhe alimento. O bicho depois de o passar ao estreito quiz passeiar para fazer o chylo, a digestão. . .

A corda a que estava seguro era a do sino grande e este começou de tocar desesperadamente.

A povoação armou-se em pé de guerra ao som de tão terrivel toque de alarme.

E' claro: o burro e o sachristão estiveram para pagar caro tão grande temeridade.

Em Barcellinhos se não succedem a mesma cousa, «de março para abril não vae grande distancia. . .»

E' o caso de que o sachristão da igreja parochial—que é tambem alfa ate—sen lo chamado para tocar ao *Senhor fãra*, largou a toda a pressa um jaquetão que estava a virar para o Antonio Azevedo e puchou ao badalo com toda a *gana*, mas com tanta infelicidade que, uma vez dadas quatro badaladas, quebrou a corda.

Como quem quebra uma enfiadura, não se atrapalhou o saeristão-alfayate, porque foi, fleugmaticamente, serenamente, torre acima, *enfiar* a corda.

—Dei quatro badaladas lá em baixo, disse elle, agora só me faltam oito cá em cima.

Ainda parou um pouco e certificou-se que realmente oito com quatro eram dôse e. . . zãs—oito mócalas com o badalo na bórda do sino grande.

Ora o que o sachrista não esperava era pelo resultado. . . D'ahi a nada as torres da villa darem o signal d'incendio.

O curioso de tudo foi depois os habitantes—nomeadamente os bombeiros—correrem, os de Barcellinhos para Barcellos e os de Barcellos para Barcellinhos.

Cá dizia-se: é fogo em *Salé*; lá: é fogo na villa.

Alvorotou-se tudo!

Dizem-nos que o sachrista, agora, quando toca ao *Senhor fãra*, sóbe á torre, segura o badalo com a dêstra e zupa que zupa com o «filho na mãe», espaçando cada badalada com o signal da cruz.